

Joseph Ki-Zerbo e o impulso da historiografia africana: Testemunho

O desaparecimento do Professor Ki-Zerbo a 4 de Dezembro de 2006 mergulhou numa grande tristeza todos aqueles que em África e no mundo o conheceram, com ele se relacionaram, o ouviram e o leram. No que me diz respeito, a minha emoção foi muito grande pois tive a grande honra de ter sido longamente recebido pelo ilustre intelectual pan-africanista, de 28 de Setembro a 2 de Outubro de 2006, ou seja, dois meses antes da sua morte. Isso aconteceu aquando da missão que efectuei a Ouagadougou, por conta do CODESRIA, com vista a realizar um filme sobre Joseph Ki-Zerbo, Intelectual, Nacionalista, Pan-africanista.

Assim, para contribuir para este número especial do *Boletim do CODESRIA*, e à guisa de homenagem póstuma, quis evocar modesta e sucintamente as múltiplas oportunidades que tive de interagir com o ilustre defunto, o que criou entre nós relações estreitas e convívios intelectuais.

Trata-se de uma longa trajectória que corre de 1958 a 2006 e cujas etapas são determinantes e significativas no desenvolvimento da historiografia africana.

O meu primeiro encontro com o Professor Ki-Zerbo situa-se em 1958, em Conacri, no dia a seguir ao “não” histórico através do qual a Guiné escolhia aceder à independência. Ki-Zerbo fazia parte do grupo de cerca de trinta intelectuais e quadros africanos que tinham vindo socorrer a jovem república. De entre os seus compa-

Thierno Mouctar Bah
Universidade de Yaoundé 1,
Camarões

nheiros, podem ser citados: Abdou Moumuni, físico originário do Níger, Louis Behanzin, matemático originário do Daomé, Memel Fote, filósofo originário da Costa do Marfim; havia igualmente os antilhanos, mas também franceses progressistas como Jean Suret-Canale e Yves Benot.

Tinham respondido todos ao apelo da Guiné para substituir os professores que a França tinha retirado com o objectivo de sufocar uma experiência que contrariava o projecto neocolonial do general De Gaulle.

Era um período de entusiasmo anticolonialista e pela unidade africana. O jovem professor titular de história tomou funções no Liceu Clássico de Donka e tive o privilégio de o ter como professor, quando estava na 3.^a classe. Com ele, é toda a pedagogia da história, tanto no conteúdo como na forma, que assumiu uma nova feição. Passou-se da evocação de “os nossos antepassados, os gauleses”, para a reabilitação de heróis da resistência, para a conquista e para a dominação colonial. Tratava-se de fazer da história uma alavanca de tomada de

consciência nacional para uma transformação qualitativa da África.

O ensino de história de Ki-Zerbo no Liceu de Donka caracterizava-se por um saber rigoroso, uma pedagogia de altos voos e um engajamento militante que ele tinha a preocupação de transmitir às jovens gerações. O nosso mestre viajava muitas vezes pela África afora, para colóquios e conferências. Desde essa época que ele se impunha como testemunho e actor privilegiado do processo de descolonização. Teve contactos estreitos com Kwame Nkrumah e contribuiu para dar um impulso ao ideal pan-africanista.

Quando regressava, contava-nos com entusiasmo os seus encontros oficiais e informais com os líderes nacionalistas e pan-africanistas da época. Falou-nos da conferência africana dos povos realizada em Acra em 1958, durante a qual ele se encontrou pela primeira vez com Patrice Lumumba por quem ele tinha uma real afeição. Era para os jovens alunos que nós éramos, uma incursão apaixonante e exaltante na história do tempo presente.

Depois de ensinado durante um ano no Liceu de Donka, Ki-Zerbo partiu da Guiné onde as condições de trabalho e de vida se tornavam difíceis e onde já se percebiam os desvios ditatoriais. Ki-Zerbo ficou, no entanto, sempre ligado à Guiné e ao seu povo e fez uma obra útil e fecunda ao dar uma dinâmica nova ao ensino da história e suscitando vocações. Devo con-

fessar do meu lado que ele jogou um papel determinante no meu engajamento na profissão de historiador.

Foram necessários vários anos para que eu pudesse rever o mestre. Foi em 1966, em Paris. A Associação Universitária para o Desenvolvimento do Ensino em África e em Madagáscar (AUDESCAM) tinha convidado os melhores historiadores do continente para uma reforma salutar. Estavam lá Ki-Zerbo, A. Mathar Mbow, Sékéné Cissoko, Baba Ibraima Kaké, Oumar Kane. Havia também eminentes historiadores franceses que ensinavam nas universidades de África à semelhança de Jean Devisse, Yvon Paillard e Serge Robert. O jovem bacharel de história da Universidade de Dakar que eu era foi associado. Foi com muita emoção e entusiasmo que revi o mestre e juntos evocámos a sua estadia na Guiné. As actividades na AUDECAM tiveram um impacto considerável na orientação e no ensino da história. Daí saiu a famosa colecção de história Hatier da qual Ki-Zerbo foi um dos directores.

Esta colecção, recomendada pelos ministros africanos e malgaxe da educação desde 1967, constitui uma verdadeira revolução em matéria de pedagogia da história; rompendo com a visão europeiocentrista que prevalecia, os autores deram um lugar preeminente ao passado de África. O manual da 6.^a classe que se centra na antiguidade, integra o estudo da Núbia restabelecendo assim a ligação umbilical entre o Egipto faraónico e a África subsahariana. Quanto ao manual da 5.^a classe, este dedica a parte essencial das lições à África. O período estudado, do século VII ao XVI, foi reabilitado e valorizado através da desqualificação do conceito de Idade Média, que evidentemente, não convém para caracterizar a era dos grandes impérios e reinos que surgiram em diferentes regiões do continente: Gana, Mali, Sonhai, Kanem Bornou, Monomotapa...

O ano de 1972 foi a ocasião de um novo encontro por ocasião do congresso constitutivo da Associação dos Historiadores Africanos da qual Ki-Zerbo foi um dos iniciadores. O seu papel de decano dos historiadores africanos consistiu, com efeito, em consagrar o seu tempo e a

sua energia à criação de uma estrutura institucional apta a favorecer o desenvolvimento das ciências históricas. Seno a ambição a de coordenar à escala continental os esforços endógenos de produção de uma história nova, que sem ser uma história de contrapartida, muda de perspectiva, privilegia o estudo das realidades e das iniciativas africanas, para servir de alavanca a uma tomada de consciência salutar. Essa foi a visão de Ki-Zerbo, eleito presidente da Associação dos Historiadores Africanos (AHA). No mesmo ano, ele publicou nas edições Hatier o seu livro mestre sobre a *Histoire de l'Afrique noire* que se impôs como referência incontornável a todos os professores, pesquisadores, estudantes que se interessam pelo passado do nosso continente.

Em 1975 tive a insigne honra de estar na frequente companhia do professor Ki-Zerbo. Foi em Yaoundé por ocasião do II congresso da Associação dos Historiadores Africanos cujos trabalhos foram dominados pela elevada estatura do mestre. Ele pronunciou, por esta ocasião, uma alocução que foi para as vinte delegações provenientes de todas as regiões do continente uma fonte de inspiração e de exortação. Em substância declarou:

É claro, a história africana não é monopólio nosso. É um campo aberto [...] Mas, nós percorremos este campo com um passo mais circunspecto, pois sabemos que nele se desvaneceram os restos e os crânios dos nossos antepassados... Ora, que seríamos nós, senão a sombra dos outros, se fôssemos despojados da nossa memória colectiva e se, a nossa lembrança nacional fosse povoada por faustos e pesadelos de outrem? Qualquer povo despojado da sua história cadaveriza-se (Ki-Zerbo 1975 :129).

O redactor da revista de história *Afrika zamani* que era eu, teve no decurso dos anos seguintes, contactos repetidos com o presidente Ki-Zerbo. O comité de redacção sempre beneficiou dos conselhos pertinentes e do apoio moral de Ki-Zerbo. Para ele:

A *Afrika Zamani* constituirá o foco activo de onde jorrará esta neo-história de África pela África, para a Áfri-

ca, que não será mais um olhar externo simpatizante, indiscreto ou alienante, que também não será mais um olhar narcísico de auto-contemplação, mas o olhar da consciência que explora serenamente as nossas próprias taras, as nossas próprias glórias e as nossas próprias virtudes. A revista *Afrika Zamani*, será assim o viveiro de todas essas ideias novas, o local geométrico da sua difusão. Ela ser a nossa voz e o nosso porta-voz (Ki-Zerbo 1975 :129).

Estas afirmações deveriam ser meditadas pelos jovens historiadores para os incitar a se envolverem na controversa histórica cultivando o sentido crítico. Estas afirmações devem também interpelar os responsáveis da *Afrika Zamani* para que essa revista tenha uma publicação regular e uma larga difusão, não apenas em África, mas para além dela.

Em Fevereiro de 1996 realiza-se em Dakar o colóquio sobre “A obra de CheikhAnta Diop e o renascimento africano” para comemorar o 10.^o aniversário do desaparecimento do erudito egptólogo. Foi para mim uma nova oportunidade de encontro com o mestre. Com a bênção de Ki-Zerbo, um grupo de historiadores incluindo Elikia M'Bokolo, Chentouf Tayeb, Doulaye Konaté e eu próprio, encontrou-se com a Senhora Adam Bâ Konaré para solicitar ao presidente do Mali a organização do III Congresso da Associação dos Historiadores Africanos. Este realizou-se com fausto e sucesso em Setembro de 2001 em Bamako. Assim, graças à benevolente solicitude de um casal de historiadores, Ki-Zerbo realizou uma promessa muito querida para ele, passar o testemunho à jovem geração, para presidir os destinos da Associação dos Historiadores Africanos.

Em Maio de 2007 realizou-se em Addis Abeba o IV Congresso dos Historiadores Africanos. Vindos de todas as regiões do continente e reunidos nessa cidade mítica, símbolo ao mesmo tempo da resistência à conquista colonial e da unidade africana, tiveram todos um pensamento profundo para o saudoso decano dos historiadores africanos, para o nacionalista e pan-africanista que foi de todos os combates para o progresso da historiografia africana.